

AS SINGULARIDADES DOS AFETOS E EMOÇÕES PRESENTES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

Eliane Antônia de Castro ¹
Daniela Dias Anjos ²

RESUMO

O presente estudo, tem como foco fortalecer as experiências de assistentes sociais, supervisoras de estágio no compromisso assumido com aluno em seu processo de formação. O estagio supervisionado permite a aproximação com a realidade social e o espaço sócio ocupacional possibilita a vivencia de situações reais. O caminho metodológico percorrido através da clínica da atividade nos aproxima do contexto da prática e o compromisso de se atribuir sentidos não só ao que se faz, mas ao resultado real e objetivo do que se faz. No recorte que faço deste trabalho, afetos e emoções se apresentam no cotidiano da profissão, permitindo refletir como estão interligados na dinâmica da atividade laboral, possibilitando conhecer os motivos que os originaram e os significados que determinam sua intensidade decorrentes da prática cotidiana. A análise nos mostra o verdadeiro objeto de trabalho do serviço social, a relevância pedagógica e suas vulnerabilidades expostas às surpresas do real.

Palavras-chave: Serviço Social, Clínica da Atividade; Formação Profissional, Afetos e Emoções.

INTRODUÇÃO

Este estudo, resultado de uma pesquisa de mestrado³, traz como temática as relações estabelecidas no campo do estagio supervisionado no curso de serviço social. No conjunto das atividades essenciais no processo de formação em serviço social, a supervisão de estágio é um dos pilares do projeto ético-político na profissão e como elemento curricular no campo do conhecimento, portanto, o estágio obrigatoriamente interage com a prática social e profissional acompanhando a história política das condições que envolvem a categoria.

¹ Assistente Social, Mestra em Educação pela Universidade São Francisco-USF. Email: elianecastro49@yahoo.com.br

² Orientadora: Pedagoga, Docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação pela Universidade São Francisco-USF. Email: daniela.anjos@usf.edu.br

³ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) – código de financiamento 001

Na perspectiva da nossa atuação, já na formação, o estágio é sempre muito esperado pois é quando vivencia-se na práxis a teoria aprendida. E é nesta consciência que a formação desenvolve a criticidade de compreender a relação que permeia o cotidiano profissional.

O Serviço Social é uma profissão que trabalha com as transformações sociais desde a sua inserção no Brasil na década de 1930, marcada por uma sociedade capitalista, industrial, urbana e ainda sobre a égide do pensamento da igreja.

Neste século XXI, nosso cotidiano ainda se mantém no desafio de conhecer e interpretar algumas conformações do capitalismo contemporâneo. Iamamoto, (2015, p.20) afirma que “um dos maiores desafios que o assistente social vive no presente é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes no cotidiano.”

A teoria de referência teve como aporte teórico e metodológico a Clínica da Atividade, sendo que o método utilizado foi o de Instrução ao Sósia, desenvolvido por Yves Clot em seus trabalhos na Clínica da Atividade do Conservatório Nacional de Artes e Ofícios (CNAM) em Paris.

A clínica da atividade, inserida no campo da teoria vigotskiana e fundamentada na filosofia da linguagem de Bakhtin, concentra seus estudos na experiência vivida pelo trabalhador, sua atividade profissional, seu modo de agir em situações concretas no cotidiano do trabalho. Trata-se então de uma contribuição metodológica, “um instrumento no qual passa a ser um objeto do pensamento para análise de demandas” (CLOT., 2010,p.133).

Para Anjos, Smolka, e Barricelli, (2017, p.134) a intervenção em clínica da atividade tem como objetivo “propiciar a reflexão sobre a atividade e sua transformação pelo próprio trabalhador, pois são eles que estão mais bem posicionados para realizar a análise do trabalho e propor soluções, pois conhecem o *métier*”⁴.

Neste contexto, os sujeitos, providos de suas singularidades e imersos e num coletivo de trabalho, podem ser protagonistas ao analisarem o cotidiano de seu *métier*,

4 O *métier* é uma espécie de instituição com várias vidas simultâneas e é isso que torna possível seu desenvolvimento na organização, e mesmo além da organização na sociedade (CLOT., 2017, p.20).

Significado de *Métier*: substantivo masculino. Ofício; profissão, ocupação ou área que compreende o trabalho de uma pessoa. Etimologia (origem da palavra *métier*). Do francês *métier*.

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/metier>> acesso em: 21 de julho 2021

ao se reapropriarem da capacidade de intervir sobre o próprio trabalho e ao observarem através do sócia, o que está presente na experiência vivida.

A dinâmica reside no exercício em que o sócia conduz a atividade e deverá ser este, o sócia de um trabalhador, que o substituirá em sua atividade de trabalho. O método pressupõe o entendimento de que os trabalhadores são os reais transformadores de seu trabalho, ” tendo o seu principal objetivo atingido quando estes se utilizam dele como meio para seu desenvolvimento possibilitando dar visibilidade aos obstáculos e às possibilidades insuspeitas na situação de trabalho” (BATISTA; RABELO, 2013, p.03 *apud* CLOT, 2010).

A técnica se estabelece na seguinte instrução: *“Suponha que eu seja seu sócia e amanhã vou substituí-lo em seu local de trabalho, quais instruções você deve me transmitir para que ninguém perceba a substituição?”*.

Diante dessa proposta, o trabalhador tem a responsabilidade de orientar o instrutor, que será o seu sócia, descrevendo sua rotina de trabalho. É importante que o trabalhador esteja ciente de que não há o certo ou o errado, e que o objetivo é conhecer sua atividade laboral, e que, ao verbalizar, perceba que existem muitos outros elementos envolvidos em seu *métier*.

De acordo com Clot (2010, p. 208), os exercícios de Instrução ao Sócia permitem uma transformação indireta do trabalho dos sujeitos mediante um deslocamento de suas atividades, busca-se, portanto, ao propor uma situação dialógica, trazer à tona a forma como cada trabalhador realiza a sua atividade, fazendo com que os sujeitos (os trabalhadores) foquem na descrição, na interpretação e na análise das suas atividades laborais.

Para a realização da Instrução ao sócia, contei com a participação de duas assistentes sociais - supervisoras de estágio. São profissionais envolvidas em compartilhar as atribuições que a supervisão de estágio exige, recebem o aluno em seu *lôcus* de trabalho, onde a realidade é fundamental para compreender a profissão.

Além das etapas previstas (entrevista de Instrução ao Sócia e retorno ao coletivo), a oficina de fotos também foi um caminho percorrido, possibilitando compartilhar com as supervisoras de campo suas próprias experiências, o cotidiano do trabalho, o público a que atendemos, reconhecendo o enfrentamento do real da atividade e o caráter interventivo da profissão.

Foi um modo diferente de fazer e pensar o cotidiano da profissão, de refletir sobre a carência de políticas públicas sobre a insuficiência de equipamentos para atenção às políticas de inclusão, sobretudo o nosso público-alvo. Como pesquisadora, busquei nas figuras a síntese dos nossos encontros, a realidade que nos move diante das dificuldades e do crescimento profissional e do amadurecimento, ao compreender a magnitude de conceitos e eventos pelos quais fomos envolvidas.

Dialogamos sobre as características da população que recorre aos espaços em que atuamos e que fazem sentido para os sujeitos da pesquisa. Osório (2013, p.122), a partir das leituras de Clot (2006, 2010), aponta que as atividades com fotos também são recursos que potencializam e ampliam a vitalidade dos coletivos de trabalho, e o que se propõe como metodologia é uma forma de analisar o trabalho, em que estão contidos os conceitos do cotidiano, muitas vezes implícitos nas descrições formuladas.

O objetivo da atividade com as assistentes sociais foi identificar como as experiências de ambas em seus afazeres profissionais contribuem para o processo de formação profissional dos estagiários. O método empregado se constitui um instrumento, que possibilita uma aproximação das particularidades que envolvem o cotidiano do trabalho, considerando a atividade do indivíduo sobre si mesmo.

Ao experienciar a metodologia Instrução ao Sósia, nos encontros de discussão e na posterior análise dos registros deparei-me com a questão de que não é somente o que, ou como fazer, mas como nos enxergamos no cotidiano diante dos fenômenos presentes no contexto da prática profissional, cuja complexidade das demandas não se limita a práticas destinadas às intervenções, mas envolve também os elementos afetivos que atravessam a cotidianidade da atividade do assistente social.

Soma-se a isso, o compromisso desse profissional com a formação do estagiário inserido no espaço sócio-ocupacional, o interesse em atribuir sentidos não só ao que se faz, mas ao resultado real e objetivo do que se faz.

O Serviço Social é uma profissão que precisa a todo o momento se qualificar para acompanhar as mudanças profundas que abrangem todas as esferas da vida social. Diniz (2012, p. 44), ao refletir sobre a realidade e o desenvolvimento de uma prática crítica, alerta para a importância e a riqueza de informações e reflexões que a pesquisa pode proporcionar em todos os campos de intervenção do assistente social.

Nesse sentido, o método em Clínica da Atividade possibilita tornar real e explícito um universo de elementos implícitos e nem sempre conscientes, como

sentimentos, angústias, hesitações, apontando o quanto a atividade laboral se desvela através do outro, o quanto atuamos em espaços heterogêneos, o quanto temos que interpretar, analisar para intervir na complexa dinâmica da profissão, dentro de seus limites e possibilidades.

O intuito de desenvolver um estudo que aborda a complexidade do trabalho acerca da atividade dos supervisores de estágio envolvidos no processo de formação profissional deu-se a partir de minha vivência concreta como supervisora acadêmica e de minha relação com alunos em campos de estágio.

Ao compreender as experiências pela unidade entre os processos de pensar, sentir e agir, deparamo-nos com a realidade e nos atentamos às particularidades existentes em uma sociedade de classes. São histórias de vidas e de contextos que vivenciamos, as especificidades são diferenciadas, as necessidades de ações exigem interpretação e esforço para o enfrentamento de uma série de situações reais, sensíveis, vividas de maneiras diferentes e imersas na complexidade para decifrar as possíveis contradições que se estabelecem e, conseqüentemente, afetam o profissional.

Iamamoto (2015) reflete que formar profissionais qualificados significa se comprometer em apontar caminhos, em ensinar a aprender, em conviver permanentemente com a teoria, a história, a pesquisa e o cotidiano das práticas presentes nos diversos campos de estágio obrigatório. Buscamos conhecimento, redefinimo-los e os reformulamos.

Conforme proposto em Clínica da Atividade, são os trabalhadores os que estão em melhores condições para realizar a análise do trabalho e propor soluções. Ao ouvirem seus próprios apontamentos, solicitei as assistentes sociais que elas se expressassem a respeito de a pesquisadora ter se tornado sócia de cada uma delas, da mesma ter vivido a experiência de cada uma. A seguir, apresento trechos mobilizados do estudo.

AS (1): *Como eu já vivi, eu revivo esse dia novamente e reflito como é perigosa a nossa profissão, porque a gente vai em lugar que a gente não sabe o que vai encontrar, e lidar com reações adversas. E aí a gente vê assim, que às vezes as pessoas não têm noção assim do risco que a gente corre, do perigo que é lidar com pessoas, não é?*

AS (2): *Depois do dia da entrevista, eu já comecei a pensar sobre me observar nesse outro olhar, contar sobre meu dia a dia e ouvindo o áudio eu reflito mais ainda, e a primeira coisa que me vem à cabeça é assim, nossa eu falo e parece que é tão fácil, mas não é, é complicado, é complexo, é cheio de dificuldades, cheio daquela coisa do*

dia a dia, o emocional, como a gente fica mexido, esse autocontrole... meu Deus ... e para conseguir esse autocontrole diariamente. Mas foi muito bom me ouvir!

O método de Instrução ao Sósia nos mostrou a importância de se dialogar sobre as próprias experiências e de analisar o trabalho, tendo em vista um potencial transformador. E, ao falar sobre nossa realidade, os componentes emocionais que se apresentam são suficientes para evidenciar que a profissão tem uma inserção eminentemente significativa no campo da violência, tais como: maus tratos, preconceitos, extrema pobreza.

É no estágio que supervisores e alunos vivenciam uma práxis. Ser supervisor de campo de estágio possibilita ao profissional interagir com o ambiente acadêmico, com a pesquisa. E essa inserção favorece a atualização, a capacitação.

AS (1): *Quando ela veio, a estagiária, foi autorizado tanto lá da Faculdade, como da Instituição, estava tudo documentado e tudo tranquilo... como estava te contando, e com a entrada dela acabou tendo a minha entrada na faculdade também, então, estar na faculdade de novo para mim foi um prazer, para acompanhar toda a rotina de supervisão, foi muito aproveitador esse momento.*

Poder estar novamente em um ambiente acadêmico, ter acesso à produção de novos autores, a novas referências bibliográficas, às teorizações e às explicações que os professores trabalham em sala de aula revigoram a atuação do supervisor, uma vez que o aluno leva tudo isso para o estágio.

O contrário também se estabelece, pois poder partilhar com o aluno o espaço de atuação, estabelecer uma interlocução crítica, no sentido de enfrentar os desafios que se apresentam em cada realidade vivenciada na prática, transformam-se em saberes que fortalecem a atuação dos supervisores de estágio.

A inserção dos alunos em campo de estágio sempre se constitui um movimento desafiador, em que é possível aflorarem expectativas, ansiedades e interesse de que as teorizações acadêmicas sejam realizadas no universo do exercício prático. É nesse momento que os graduandos em Serviço Social se deparam concretamente com as manifestações da questão social, até então internalizadas teoricamente, o que, sem dúvida, vai provocar inúmeras formas de emoções, indagações e ressignificações.

Pensando neste momento do estágio, no qual os alunos retornam com suas vivências mesmo diante de experiências negativas, a cada etapa deste processo, eles têm

que ser preparados para este enfrentamento que pode ser diário, por isso o espaço do estágio precisa ser ocupado, desvendado e questionado.

A Instrução ao Sósia, como método, permitiu visualizar partes fundamentais do trabalho, que, por outros métodos, não seriam facilmente detectados. A experiência do assistente social não seria acessível diretamente. Tornou real e explícito um universo de elementos implícitos, como comportamentos, escolhas, hesitações, sentimentos, e afetos, revelando o quanto o trabalho abriga uma dinâmica que se desvela por meio do outro.

AS (1): *vamos pensar uma situação rotineira, de chegar um bebê vítima de uma violência severa e chega ali o conselho tutelar com o bebê no colo, mas com o pai e a mãe lá fora no portão querendo entrar, e você tendo que receber aquele bebê, tendo também que lidar com a questão do pai e da mãe. Essa é uma questão que a gente vivencia diariamente.*

AS (2): *não tem como separar, a nossa profissão é feita disso... ter um olhar amplo, então quando chega uma denúncia de um idoso que está com alguma problemática, você vai lá e você vai encontrar uma filha desempregada, você vai encontrar uma criança deficiente, você vai encontrar uma pessoa em situação de negação, sem renda, sem benefício de prestação continuada (BPC), não tem como tampar o olho e eu vou lá só para ver aquilo que me foi determinado?... então eu vejo isso um problema muito sério...*

O estágio supervisionado, mais que esperado, é idealizado. Isso mostra a necessidade de compreender e discutir todos os elementos que o constituem. A profissão carrega várias questões sobre as quais as pessoas não se interessam por falar ou pensar, é uma profissão na qual o “não dito” é a comunicação inconsciente, e neste estudo, a relação emoção e trabalho se apresentam de forma intensa.

Nas atividades das supervisoras de campo, nas entrevistas e nos diálogos, constatou-se que as emoções e os afetos vivenciados geram muitas angústias, pois há sempre uma finalidade a alcançar diante de uma realidade. Portanto, “os afetos não podem ser concebidos como instância negativa ou perturbadora do homem, uma vez que é pela via dos afetos que os homens concebem o conhecimento de si, dos outros, e da realidade que o circunda” (VELOSO; BUSARELLO, 2018, p. 87).

O desafio em contribuir para a formação do outro, qual seja, assumir a supervisão de campo se mostra um compromisso complexo, principalmente por ter de dar algumas respostas ao estagiário quando as indagações do próprio profissional são inúmeras.

AS (2): *Já tive estagiária que uma vez me ligaram do pronto socorro que tinha um idoso com suspeita de maus tratos, ela a estagiária não conseguiu ficar comigo na sala, foi para o carro chorar ... então é muito difícil...*

A aproximação com a realidade cotidiana das assistentes sociais – supervisoras de campo, oportunizou que fosse problematizado o espaço sócio-institucional e a convivência com estagiários, o que evidenciou o quanto a atribuição dada aos supervisores de campo se constitui no propor, no agir, e principalmente no se compromissar com uma formação profissional qualificada.

Esta contribuição denota a real importância do fazer profissional, o amadurecimento de seu saber, o objeto de sua ação profissional, possibilitando aos alunos problematizar a realidade social.

Finalizamos este estudo, tendo por base trechos recordados na Instrução ao Sósia e também por algumas imagens selecionadas por mim, mediante o universo de inserção no cotidiano das profissionais. Inspirei-me em Tarsila do Amaral por sua sensibilidade e protagonismo em retratar o social, nossa gente, nossas lutas, nossas cores. A identidade cultural do Brasil voltada para temas sociais como a situação dos trabalhadores, das crianças e das mulheres que já eram os mais explorados neste sistema desigual.

Baseando-se nessas imagens, as colegas comentaram...

Figura 1: Tarsila do Amaral – Segunda Classe, 1933.



Fonte: arquivo pessoal

AS (1): *ah, é o nosso público, é criança, é idoso, é mãe, é avó.*

AS (2) : as gerações né, eu gosto da Tarsila porque ela usa os pés, as mãos maiores, os trabalhadores, são quadros vivos, e o tanto, a afeição, né, o rosto triste deles e o tanto que o nosso público é triste, o tanto que ele está preocupado hoje com as transformações políticas que estão tendo...

Figura 2: Michelangelo Buonarotti – Pietà – 1499



Fonte: arquivo pessoal

AS (1) : esse abandono parece o nosso abandono também quando a gente fica ali com o usuário, a gente cuidando daquela pessoa, daquele caso, e a gente não tem respaldo nenhum de políticas públicas, de ninguém e pode ser, tanto uma mãe com o filho no colo como a gente também com aquele caso que é jogado no colo da gente, toma, resolve e sem política pública nenhuma.

AS (2): ... Olhando a imagem me passou uma questão de cansaço mesmo, de cansaço de lutas, do cansaço do dia a dia, do cansaço de você lutar por direitos, por políticas públicas de qualidade, não só no âmbito do nosso trabalho ali né, mas da população de forma geral, me passou muito essa imagem, puxa, que cansaço de fazer, de remar né,....

Logo, é possível afirmar que o abandono é um sentimento que coloca os sujeitos da profissão em constante tensionamento, ao compreender o trabalho, a profissão, o risco e a trama complexa vivenciada e que mexem com sentimentos e afetos tanto dos profissionais como dos estagiários. E tal como afirma Clot (2016, p.91), “nas intervenções em clínica da atividade, pode-se dizer que se procura desenvolver a afetividade profissional, com consequências na afetividade pessoal”.

Conforme já mencionado, o presente estudo retrata a relação dos afetos e das emoções na cotidianidade profissional do assistente social. Assim, entendo necessário conceituar o que é emoção, o que é afeto e qual o significado de ambos para o Serviço Social.

Clot (2016, p. 88-91), embasado em Vigotsky, diz que:

a emoção é um evento traduzido em duas línguas diferentes”. A emoção é traduzida em reações fisiológicas e em um vivido subjetivo que passa pela linguagem... e as emoções não estão alojadas no organismo, elas se deslocam, são nômades (é a expressão de Vigotsky).

Examinemos o que é o afeto que não é a mesma coisa que a emoção, ainda que ambos pertençam à afetividade. Partimos de duas citações de Spinoza: a primeira se acha no início da *Ética*: “*denomino afeto o que aumenta ou diminui a potência de agir*”. Temos aqui uma definição de afeto como transformador, força de trabalho, desenvolvimento da atividade. Dito de outra forma, o afeto tem a ver com a ação. Na *Théorie des émotions* de Vigotsky, encontra-se fórmulas desse tipo. A segunda citação, importante ainda que desconcertante difícil de digerir, mas que faz pensar é a seguinte: “um afeto só pode ser ultrapassado por outro afeto maior”. Ou seja, um afeto não pode ser ultrapassado simplesmente por ideias. O que significa que nem a razão, nem a vontade podem triunfar sobre os afetos (CLOT, 2016, p. 88-91).

Esses conceitos trazidos por Clot refletem a realidade do campo da experiência do estagiário e dos profissionais do Serviço Social, uma vez que a atividade objetiva é perpassada pelo viés das emoções e dos afetos, no entanto este segmento profissional não pode secundarizar essa discussão, já que se trata de um exercício profissional inserido no contexto dos conflitos, sobretudo nas diversas violências sociais e estruturais, reverberando no universo das emoções e dos afetos deste trabalho social, que poderá ressignificá-las mediante a tomada de consciência.

As fotografias contam histórias, falam sobre as pessoas, transmitem verdades até inquestionáveis. O poder da imagem produz sentimentos e emoções e, ao contemplá-las, nos despertamos para como ela foi produzida, como será percebida, o que ela está representando, e que novas experiências elas podem acordar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho investigativo deste estudo percorreu amiúde a nossa prática, ao adentrar em universos mais amplos de investigação. Valorizar as experiências das assistentes sociais, supervisoras de campo, aprofundando os saberes gerados nesta atividade, nos quais os múltiplos sentidos que permeiam este espaço, foi nossa verdadeira intenção. Soma-se a isso a metodologia da Clínica da Atividade proporcionou-me caminhos para tornar concreta tal proposta.

O estágio supervisionado é fator preponderante para preparar a inserção do aluno no mundo do trabalho, portanto determinante no processo interventivo. O estagiário tem a possibilidade de conhecer as relações que se estabelecem entre a profissão e as instituições. Não obstante, os espaços sócio-ocupacionais se constituem em verdadeiros espaços de problemas sociais e econômicos.

Dessa forma, o objetivo dos diálogos com elas foi identificar como as experiências de ambas em seus afazeres profissionais contribuem para a formação profissional. Nestes diálogos, os caminhos percorridos avançaram numa temática pouco aprofundada na profissão, ao compreender que as “emoções e os afetos” fazem parte do cotidiano da profissão. Ao mesmo tempo em que eles – emoções e afetos – emergem de situações vivenciais ou ideológicas, também são responsáveis por organizar internamente nossos comportamentos.

Foi um confronto inevitável, garantido pela metodologia da Clínica da Atividade no método de Instrução ao Sósia, no qual a experiência de cada sujeito da pesquisa foi vivida no agora. Suas condutas concretas foram confrontadas, envolvida com os conflitos da realidade, na tentativa de encontrar um significado para seus esforços.

Colocar a experiência em palavras, facultar a troca verbal entre os sujeitos, levou-as ao primeiro impacto de reconhecer no sósia a sua autoimagem (CLOT, 2010). Inserir os alunos numa dinâmica estabelecida nos espaços resultantes das práticas e das intervenções, preparo-os para viver uma intrincada profissão, na qual os sujeitos desta pesquisa inscrevem suas atividades.

Por fim, como contribuir para a formação do outro se configura como um grande desafio. As colocações das supervisoras revelaram que assumir a supervisão de campo é um compromisso complexo.

O abandono, concebido como um afeto, perpassa toda essa trajetória. Não restrito aos sujeitos desta pesquisa, ele também envolve o estagiário, quando este

aprende na prática o que não estava prescrito, incluindo neste cenário as emoções e os afetos que atravessam a natureza profissional.

Todos os conceitos contidos nesta pesquisa refletem a realidade do campo da experiência e como já apontado estes não podem secundarizar essa discussão, porque o produto de nosso trabalho é nossa objetivação no mundo.

REFERÊNCIAS

ANJOS, D.D. SMOLKA, A.B. BARRICELLI, E Atividade de pesquisa, atividade de ensino: a atividade do intervenant no campo da educação. **Horizontes**, v. 35, n. 3, p. 133-145, 2017.

BATISTA, Matilde; RABELO, Lais. **Imagine que sou seu sócia...** Aspectos técnicos de um método em clínica da atividade. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 16, n. 1, p. 1-8, 2013.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte : Fabrefactum, 2010.

_____. A interfuncionalidade dos afetos, das emoções e dos sentimentos: o poder de ser afetado e o poder de agir. *In: LEITE, L.B.; SMOLKA, A. B.; ANJOS, D.D. Diálogos na perspectiva histórico-cultural*. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

DINIZ, T.M. O estudo de caso. *In: MARTINELLI, M. L. Pesquisa qualitativa um instigante desafio*. São Paulo: Veras, p. 129, 2012.

IAMAMOTO, Marida V. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

OSÓRIO, C. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2013, vol. 16, n. especial 1, p. 121-131. Oficinas de fotos: experiências brasileiras em clínica da atividade Claudia Osorio I, 1 , Ariele Binoti Pacheco II, 2 e Maria Elizabeth Barros de Barros II, 3.



VELOSO, A.M.; BUSARELLO, F.R. Sussurros afetivos: ética e afeto na práxis psicossocial. *In*: SAWAIA, B.; ALBUQUERQUE, R.; BUSARELLO, F. R. (orgs.). **Afeto & Comum**: reflexões sobre a prática psicossocial. São Paulo: Alexa Cultural, 2018.p. 81-100.